

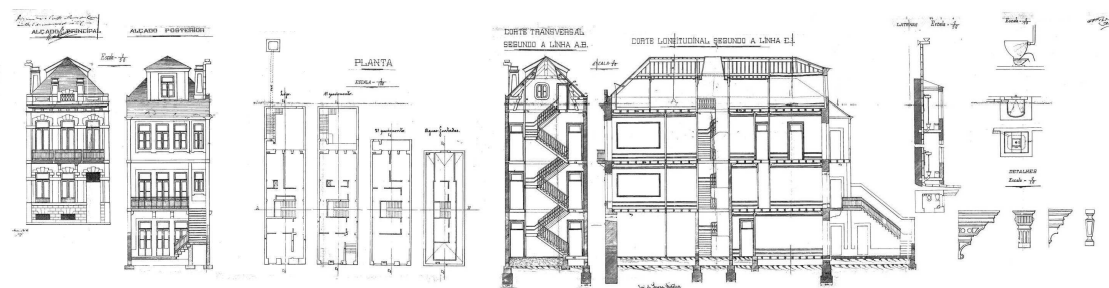
a arquitectura do quotidiano

PÚBLICO E PRIVADO NO ESPAÇO DOMÉSTICO DA BURGUESIA PORTUENSE NOS FINAIS DO SÉCULO XIX

NELSON JORGE AMORIM MOTA

Dissertação de Mestrado em **Arquitectura Território e Memória**,
apresentada ao Departamento de Arquitectura
da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra,
desenvolvida sob a orientação do Professor Arquitecto Alexandre Vieira Pinto Alves Costa.

Coimbra, Julho de 2006



ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	I
ÍNDICE DETALHADO	III
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
AGRADECIMENTOS	XIII
RESUMO DO TRABALHO	XV
ABSTRACT	XVII
INTRODUÇÃO	1
PARTE I - O ESPAÇO DOMÉSTICO, A BURGUESIA E O PORTO	9
1. <i>AT HOME</i> COM A BURGUESIA	11
2. A BURGUESIA DO PORTO E A SUA PAISAGEM NO SÉCULO XIX	31
3. A HABITAÇÃO BURGUESA NO PORTO OITOCENTISTA: ORIGENS E AFINIDADES	61
PARTE II - ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO	85
4. FORMAS DE HABITAR DA BURGUESIA PORTUENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX	87
5. TRANSIÇÕES ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E A HABITAÇÃO	99
6. DIVISÃO E COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO DOMÉSTICO	109
7. O PÚBLICO EM CASA: OS ESPAÇOS DE RECEPÇÃO.	123
8. OS LUGARES ÍNTIMOS DA CASA	139
9. O CORPO EM CASA: ENTRE A HIGIENE E O PECADO	153
10. O TRABALHO NO ESPAÇO DOMÉSTICO	163
11. ENTRE CRIADOS E PATRÕES: OS LUGARES DO SERVIÇO DOMÉSTICO.	175
12. DISPOSITIVOS DE TRANSIÇÃO	191
CONCLUSÃO	209
FONTES E BIBLIOGRAFIA	215
ANEXO A - FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS DE ESTUDO	223

ÍNDICE DETALHADO

ÍNDICE GERAL	I
ÍNDICE DETALHADO	III
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
AGRADECIMENTOS	XIII
RESUMO DO TRABALHO	XV
ABSTRACT	XVII
INTRODUÇÃO	1
PARTE I - O ESPAÇO DOMÉSTICO, A BURGUESIA E O PORTO	9
1. <i>AT HOME</i> COM A BURGUESIA	11
1.1 A burguesia e a invenção da domesticidade	11
1.2 Formas de habitar a cidade	14
1.3 Os limites entre o privado e o público	17
1.4 A família e a idealização burguesa	20
1.5 O homem e a mulher no espaço doméstico.....	22
1.6 Da casa ao lar: a ideia de conforto e a especialização dos espaços.....	25
2. A BURGUESIA DO PORTO E A SUA PAISAGEM NO SÉCULO XIX.....	31
2.1 O Porto: transformações numa cidade liberal.....	33
2.2 A burguesia portuense e o trabalho.....	41
2.3 Os rituais da sociabilidade: lazer e ócio como dispositivos de afirmação.....	51
3. A HABITAÇÃO BURGUESA NO PORTO OITOCENTISTA: ORIGENS E AFINIDADES	61
3.1 A casa estreita e alta	63
3.2 A casa larga e baixa	72
3.3 As casas do Porto: afinidades e referências para as formas de habitar	76
PARTE II - ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO	85
4. FORMAS DE HABITAR DA BURGUESIA PORTUENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	87
4.1 Moradias isoladas: os palácios da alta burguesia.....	89
4.2 Moradias em banda: continuando a tradição.....	92
4.3 A burguesia entre a casa e a cidade	98
5. TRANSIÇÕES ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E A HABITAÇÃO	99
5.1 Privado protegido.....	100
5.2 Fronteiras ambíguas.....	104

5.3	Limites permeáveis.....	106
5.4	Caminhos do público para casa.....	107
6.	DIVISÃO E COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO DOMÉSTICO	109
6.1	O momento da chegada a casa.....	110
6.2	Partição da compartimentação.....	116
6.3	Circulação.....	119
7.	O PÚBLICO EM CASA: OS ESPAÇOS DE RECEPÇÃO.	123
7.1	Espaços de exibição: os salões dos palácios da alta burguesia.....	126
7.2	Receber na cidade: o salão dos <i>palacetes</i> urbanos.....	130
7.3	Espaços híbridos: entre a representação e a rotina.....	134
7.4	Espaços para estar e para receber: limites e fronteiras.....	137
8.	OS LUGARES ÍNTIMOS DA CASA	139
8.1	Os salões privados da alta burguesia.....	142
8.2	Privacidades serenas e lugares de repouso.....	146
8.3	A intimidade negociada dos espaços íntimos das moradias em banda.....	149
8.4	Salões ou santuários?.....	151
9.	O CORPO EM CASA: ENTRE A HIGIENE E O PECADO	153
9.1	O carácter ambíguo do quarto de banho.....	156
9.2	O quarto de vestir ou <i>toilette</i>	158
9.3	Espaços de confluência entre a limpeza e a beleza.....	160
10.	O TRABALHO NO ESPAÇO DOMÉSTICO.....	163
10.1	Espaços ambíguos: escritórios nas moradias burguesas.....	166
10.2	Ligações pragmáticas: espaços de trabalho com acesso autónomo.....	169
10.3	Lugares contaminados: o trabalho invade a casa.....	170
11.	ENTRE CRIADOS E PATRÕES: OS LUGARES DO SERVIÇO DOMÉSTICO.	175
11.1	O alojamento dos criados.....	178
11.2	Os espaços de serviço: o lado <i>escondido</i> da casa.....	181
11.3	Caminhos paralelos: a circulação de serviço.....	186
12.	DISPOSITIVOS DE TRANSIÇÃO	191
12.1	Muros e Vedações: a marcação do limite.....	192
12.2	De dentro para fora: espaços híbridos.....	195
12.3	À procura do exterior: dispositivos para observar.....	202
	CONCLUSÃO	209
	FONTES E BIBLIOGRAFIA	215
	Fontes manuscritas, cartográficas e iconográficas.....	215
	Obras citadas e consultadas.....	216

ANEXO A - FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS DE ESTUDO.....	223
CATEGORIA A: Moradia isolada sem acesso directo ao exterior.....	227
CATEGORIA B: Moradia isolada com acesso directo ao exterior.....	251
CATEGORIA C: Moradia em banda sem acesso directo ao exterior.....	267
CATEGORIA D: Moradia em banda com três frentes.....	283
CATEGORIA E: Moradia em banda com rés-do-chão elevado.....	307
CATEGORIA F: Moradia em banda com rés-do-chão térreo.....	337

ÍNDICE DE FIGURAS

PARTE I – O ESPAÇO DOMÉSTICO, A BURGUESIA E O PORTO

Capítulo 1 – At Home com a burguesia

1. 1 - Johannes Vermeer - “Senhora escrevendo uma carta e a sua criada” (c. 1670).....	13
1. 2 - John Nash – Edifices of London: Nº 1 Cornwall Terrace; Nº 2 Hanover Terrace. Londres, 1825.	15
1. 3 - Andrea Palladio – Villa Foscari, Vicenza, 1559-1560 (A); Richard Norman Shaw – Grims Dyke – Londres, 1870-1872.....	26
1. 4 - Giardini-Lassurance, archt.es – Palais Bourbon, 1722.....	27
1. 5 - James Jacques Joseph Tissot – Hide and Seek, 1877.....	28

Capítulo 2 - A burguesia do Porto e a sua paisagem no século XIX

2. 1 - Cidade do Porto - George Balck, 1813.	33
2. 2 - Planta Topographica da Cidade do Porto - Joaquim Costa Lima, 1839.	35
2. 3 - Planta da cidade do Porto - Frederico Gavazzo Perry Vidal, 1865.....	36
2. 4 - Carta Topographica da Cidade do Porto - Augusto Gerardo Telles Ferreira, 1892.....	38
2. 5 - Carta Topographica da Cidade do Porto (Pormenor da zona central) - Augusto Gerardo Telles Ferreira, 1892.	39
2. 6 - A Rua dos Ingleses em 1834 - Coleção de Gravuras Portuguesas. Porto e Douro.....	44
2. 7 - Localização das indústrias com mais de 50 trabalhadores de acordo com o Inquêrito Industrial de 1890.....	46
2. 8 - Caricatura do <i>brasileiro</i> Hermenegildo Fialho Barrosas.....	48
2. 9 - Planta dos Jardins do Palácio de Cristal - Redesenhada em 1892 por F. Claes.	52
2. 10 - Nos Jardins do Palácio de Cristal – Aurélio Paz dos Reis [s/d].....	53
2. 11 - Grupo na Praia – A. Marçal Brandão [s/d].....	55
2. 12 - António Bernardino Alves Costa – Retrato a óleo de Marques de Oliveira.	57

Capítulo 3 - A habitação burguesa no Porto oitocentista: origens e afinidades

3. 1 - Extractos da Planta do Porto.	62
3. 2 - Vista do Porto (Extracto) - Teodoro de Sousa Maldonado, 1789.....	63
3. 3 - Quarteirão de Miragaia - Brigada Saal Miragaia.....	63
3. 4 - Quarteirão da Ribeira Barredo - CRUARB.....	63
3. 5 - Habitação de uma frente.	64
3. 6 - Intervenções na cidade Iluminista - Lisboa e Porto.....	66
3. 7 - Fachada da Rua Nova de Santo António (Lado Sul).....	67
3. 8 - <i>Planta geral</i> da travessa da Carvalhosa – Luís Inácio de Barros Lima, 1802.	67
3. 9 - Projecto de Loteamento da Quinta do Cirne – Finais do século XVIII.	68
3. 10 - Habitação no Porto Iluminista.....	69
3. 11 - Habitação no Porto Liberal.	71
3. 12 - Edifícios de Habitação do Séc. XIX no Porto.	73
3. 13 - Edifício na Rua de D. João IV, 199.	74
3. 14 - Carta de Telles Ferreira, 1892 - Extracto da Zona da Foz.	75
3. 15 - Edifício na Rua Marechal de Saldanha.	75
3. 16 - Eléctrico Passando na Marginal - Aurélio Paz dos Reis, [s.d.].....	76
3. 17 - Casa Georgiana – Desenho de Francisco Barata Fernandes, de acordo com W. Halfpenny (séc. XVIII).	79
3. 18 - Planta do loteamento dos terrenos da paróquia de St. Giles in the Fields e St. George, Bloomsbury – Londres (1815).	80
3. 19 - Aspecto de casa – Casal Pinto da Fonseca e crianças	83
3. 20 - Villa a Deauville (Calvados).....	83

PARTE II – ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO

Capítulo 4 - Formas de habitar da burguesia portuense no final do século XIX

4. 1 - Categoria A - Axonometrias de moradias isoladas sem acesso directo ao exterior.....	89
4. 2 - Categoria A - Incidência territorial e esquema de caracterização.....	89
4. 3 - Categoria B - Axonometrias de moradias isoladas com acesso directo ao exterior.....	91
4. 4 - Categoria B - Incidência territorial e esquema de caracterização.....	91
4. 5 - Categoria C - Axonometrias de moradias em banda sem acesso directo ao exterior.....	93
4. 6 - Categoria C - Incidência territorial e esquema de caracterização.....	93
4. 7 - Categoria D - Axonometrias de moradias em banda com três frentes.....	94
4. 8 - Categoria D - Incidência territorial e esquema de caracterização.....	94
4. 9 - Categoria E - Axonometrias de moradias em banda com rés-do-chão elevado.....	96
4. 10 - Categoria E - Incidência territorial e esquema de caracterização.....	96
4. 11 - Categoria F - Axonometrias de moradias em banda com rés-do.chão térreo.....	97
4. 12 - Categoria F - Axonometrias de moradias em banda com rés-do.chão térreo.....	97

Capítulo 5 - Transições entre o espaço público e a habitação

5. 1 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Planta de Implantação.....	100
5. 2 - Aspecto da Casa dos Pinto da Fonseca - Aurélio Paz dos Reis [S.D.].....	100
5. 3 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Planta de Implantação.....	101
5. 4 - Casa de Charles Tait (1899) - Planta de implantação.....	102
5. 5 - Casa de Abel Eduardo Pereira Brandão (1899) - Planta de Implantação.....	102
5. 6 - Casa de Augusto Leite da Silva Guimarães (1899) - Planta de implantação e Axonometria da Frente.....	103
5. 7 - Casa de Domingos Moreira do Valle (1898) - Axonometria do lado da Rua.....	104
5. 8 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Axonometria do lado da Frente e Planta de Implantação.....	105
5. 9 - Casa de Francisco Abelenda Pereira (1898) - Axonometria do lado de trás e Planta de Implantação.....	105
5. 10 - Casa de Alfredo Augusto de Mattos Monteiro (1899) - Alçado Sul (virado para a rua) e corte longitudinal.....	106
5. 11 - Casa de António Nunes Borges (1897) - Alçado Nascente (virado para a rua) e corte longitudinal.....	107

Capítulo 6 – Divisão e comunicação no espaço doméstico

6. 1 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	110
6. 2 - Casa de Charles Tait (1899) - Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	110
6. 3 - Casa de Luiz Cruz (1900) - Planta do rés-do-chão e Alçado Poente.....	111
6. 4 - Casa de Francisca Ferreira (1899) - Planta do rés-do-chão.....	112
6. 5 - Casa de Domingos Valle (1898) - Planta do rés-do-chão.....	112
6. 6 - Casa de Augusto Guimarães (1899) - Planta e Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	112
6. 7 - Casa de Francisco A. Pereira (1898) - Planta e Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	113
6. 8 - Casa de José Feiteira (1898) - Planta e Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	114
6. 9 - Casa de Luíza Soares (1898) - Planta e Axonometria seccionada do rés-do-chão.....	114
6. 10 - Acesso à habitação - Caracterização nas diferentes categorias.....	115
6. 11 - Casa de José E. L. Júnior (1897) - Planta do rés-do-chão.....	115
6. 12 - Casa de Maria E. S. Saavedra (1897) - Planta do rés-do-chão.....	115
6. 13 - Distribuição - Partição das zonas da habitação.....	116
6. 14 - Casa de Luiz Cruz (1900) - Plantas da cave; rés-do-chão; primeiro piso; águas furtadas.....	117
6. 15 - Casa de Alfredo Augusto de Mattos Monteiro (1899) - Plantas da cave; rés-do-chão; primeiro andar; águas furtadas.....	118
6. 16 - Categorias A, B e C - Esquema de circulação.....	119
6. 17 - Categorias D, E e F - Esquema de circulação.....	119
6. 18 - Casa de Manoel P. da Fonseca (1898) - Planta da rés-do-chão e corte transversal (detalhe da área da escada).....	120
6. 19 - Interior da Casa Pinto da Fonseca – Escadaria.....	120

6. 20 - Casa de Melchior T. Guedes (1898) - Planta do rés-do-chão e corte longitudinal (detalhe da área da escada).	121
6. 21 - Casa de Vitorino Alves de Sousa (1900) - Planta do rés-do-chão e corte longitudinal (detalhe da área da escada).	121

Capítulo 7 – O Público em casa: os espaços de recepção.

7. 1 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Planta do rés-do-chão	126
7. 2 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Planta do rés-do-chão.....	127
7. 3 - Interior da Casa Pinto da Fonseca – Vestíbulo. - Aurélio Paz dos Reis [S.D.].....	127
7. 4 - Casa de Charles Tait (1899) - Planta do rés-do-chão.	128
7. 5 - Casa de Abel Eduardo Pereira Brandão (1899) - Planta do rés-do-chão.	129
7. 6 - Zonas comuns das grandes moradias (categoria A) - Esquema de organização dos compartimentos comuns.	130
7. 7 - Casa de António Eduardo Glama (1899) - Plantas do rés-do-chão e primeiro andar.....	131
7. 8 - Casa de António Eduardo Glama (1899) - Cortes longitudinal e transversal	131
7. 9 - Casa de Augusto Leite da Silva Guimarães (1899) - Planta do rés-do-chão.	132
7. 10 - Casa de Francisco Abelenda Pereira (1898) - Plantas do rés-do-chão e primeiro andar.....	133
7. 11 - Zonas comuns das moradias urbanas (categorias B, C e D) - Esquema de organização dos compartimentos comuns	134
7. 12 - Casa de Melchior Teixeira Guedes (1898) - Plantas do rés-do-chão e primeiro andar.	135
7. 13 - Casa de Maria Espírito Santo Saavedra (1897) - Plantas do rés-do-chão e primeiro andar.	136
7. 14 - Zonas comuns das moradias em banda (categorias E e F) - Esquema de organização dos compartimentos comuns.	136
7. 15 - Zonas comuns das moradias - Esquema de organização dos compartimentos comuns.	137

Capítulo 8 – Os lugares íntimos da casa

8. 1 - Interior de um Quarto - Postal Ilustrado. Foto Alvão [S.D.].....	141
8. 2 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Planta do primeiro andar.	143
8. 3 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Axonometria seccionada do primeiro andar.	143
8. 4 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Planta do primeiro andar.	144
8. 5 - Casa de Augusto José de Mattos (1899) - Planta do primeiro andar.	144
8. 6 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Planta do primeiro andar.....	145
8. 7 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Axonometria seccionada do primeiro andar.....	145
8. 8 - Organização da zona íntima das moradias isoladas.....	145
8. 9 - Casa de Augusto Leite da Silva Guimarães (1899) - Planta do primeiro andar.....	146
8. 10 - Casa de António Ferreira Moutinho (1900) - Planta do primeiro andar.	146
8. 11 - Casa de Luíza Soares (1898) - Planta do primeiro andar e das Águas furtadas.	147
8. 12 - Organização da zona íntima das moradias em banda com três frentes com e sem acesso directo ao exterior.	148
8. 13 - Casa de José Miguel de Oliveira (1898) - Planta do Rés-do-Chão, do primeiro andar e das Águas furtadas.	149
8. 14 - Casa de António Augusto Barbedo Pinto (1900) - Planta do rés-do-chão, primeiro andar e das Águas furtadas.	150
8. 15 - Organização da zona íntima das moradias em banda com duas frentes.....	151

Capítulo 9 – O corpo em casa: entre a higiene e o pecado

9. 1 - Estabelecimento Hidroterapêutico de Augusto Henrique de Almeida Brandão (1898) - Planta.....	155
9. 2 - Edgar Degas – <i>Le Tub</i> (1885-86).	156
9. 3 - Aurélio Paz dos Reis – Exposição de artigos de casa de banho (1907 ?).	156
9. 4 - A - Casa de Albano A. Maruja (1898); B - Casa de Francisco A. Pereira (1898); C - Casa de Melchior T. Guedes (1898) - Plantas parciais da Cave (Caso A e C) e do Rés-do-Chão (caso B).....	157
9. 5 - A - Casa de Luiz M. de S. Cruz (1900); B - Casa de Augusto L. S. Guimarães (1899); C - Casa de José L. de Queiróz (1900) - Plantas parciais do Primeiro Piso.	157
9. 6 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Planta parcial do Primeiro Piso	159
9. 7 - Casa de Alfredo Augusto de Mattos Monteiro (1900) - Plantas parciais da Cave (A) e do Primeiro Piso (B).	159
9. 8 - A - Casa de Augusto José de Mattos (1899); B – Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Plantas parciais do Primeiro Piso.....	160

9. 9 - A - Casa de Gustavo Burmester (1897); B – Casa de António Eduardo Glama (1899) - Plantas parciais do Primeiro Piso.	161
9. 10 - A - Casa de Manoel António de Faria Villaça (1900); B – Casa de Júlio Estevão Franchini (1900) - Plantas parciais do Rés-do Chão (caso A) e do Primeiro Piso (caso B)	162

Capítulo 10 – O trabalho no espaço doméstico

10. 1 - A - Casa de G. Burmester (1897); B - Casa de J. Andresen (1900); C - Casa de J. Oliveira (1898)- Plantas parciais do rés-do-chão. 165	
10. 2 - Casa de José Luiz de Queiroz (1900) - Planta do rés-do-chão (A) e do primeiro andar (B).....	166
10. 3 - Casa de Albano Alves Maruja (1898) - Planta da cave (A) e do rés-do-chão (B).	167
10. 4 - Casa de Albano Alves Maruja (1898) - Alçado nascente e corte longitudinal	168
10. 5 - Casa de Augusto José de Mattos (1899) - Planta do rés-do-chão.	169
10. 6 - Casa de Manoel António de Faria Villaça (1900) - Planta do rés-do-chão.....	169
10. 7 - A - Casa de Manoel P. da Fonseca (1898); B - Casa de Abel E. P. Brandão (1900) - Plantas parciais do rés-do-chão.....	170
10. 8 - Casa de Júlio Estevão Franchini (1900) - Plantas da cave (A) e do rés-do-chão (B).....	171
10. 9 - Casa de José Esteves Loureiro Júnior (1897) - Planta do rés-do-chão.	172
10. 10 - A - Casa de Maria do E. S. Saavedra (1897); B - Casa de António A. B. Pinto (1900) - Plantas parciais do rés-do-chão.	173

Capítulo 11 – Entre criados e patrões: os lugares do serviço doméstico.

11. 1 - Aurélio Paz dos Reis – No jardim da casa do Sr. Benjamim de Oliveira (s/d).....	177
11. 2 - Casa de Augusto Leite da Silva Guimarães (1899) - Plantas parciais da Cave (A) e do Rés-do-Chão (B).....	178
11. 3 - Casa de Luiza Soares (1898) - Plantas parciais da Cave (A) e das Águas-Furtadas (B).....	179
11. 4 - Casa de Alfredo Augusto de Mattos Monteiro (1899) - Plantas da Cave (A) e das Águas-Furtadas (B).....	179
11. 5 - Casa de Gustavo Burmester (1897) - Plantas da Cave (A) e das Águas-Furtadas (B).....	180
11. 6 - Casa de Abel Eduardo Pereira Brandão (1899) - Plantas da Cave (A) e das Águas-Furtadas (B).....	181
11. 7 - Casa de José de Sousa Feiteira (1898) - Plantas da Cave (A) e das Águas-Furtadas (B).....	182
11. 8 - Casa de António Eduardo Glama (1899) - Plantas da Cave e das Águas-furtadas.	182
11. 9 - Casa de Augusto José de Mattos (1899) - Planta parcial do Rés-do-Chão.	183
11. 10 - Casa de Augusto José de Mattos (1899) - Plantas da Cave (A) e das Águas-furtadas (B).....	184
11. 11 - Casa de José Luiz de Queiroz (1900) - Planta parcial do Rés-do-Chão.	185
11. 12 - Casa de Melchior Teixeira Guedes (1898) - Planta parcial do Rés-do-Chão.....	185
11. 13 - Casa de José Esteves Loureiro Júnior (1897) - Planta parcial do Primeiro Andar.....	186
11. 14 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Plantas parciais da Cave (A); do Rés-do-chão (B); do Primeiro andar (C); das Águas-Furtadas (D).....	187
11. 15 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Plantas parciais da Cave (A); do Rés-do-chão (B); do Primeiro andar (C); das Águas-Furtadas (D).....	188

Capítulo 12 – Dispositivos de transição

12. 1 - Casa de Pedro Maria da Fonseca Araújo (1899) - Planta, Cortes e Alçado da vedação	192
12. 2 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca (1898) - Alçados das Vedações.....	193
12. 3 - Casa de Francisco Abelenda Pereira (1898) - Alçado da Vedação.....	194
12. 4 - Casa de Hermann Burmester (1900) - Alçado da Vedação	194
12. 5 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Alçado da Vedação.	194
12. 6 - Casa de Eduardo de Andrade Villares (1900) - Planta de Implantação, Alçados e Cortes das Vedações.....	195
12. 7 - Casa de Abel Eduardo Pereira Brandão (1900) - Alçado Norte (A); Planta do Rés-do-Chão (B); Planta do Primeiro Piso (C).....	196
12. 8 - Casa de Charles Tait (1899) - Alçado Norte (A); Planta do Rés-do-Chão (B).....	197
12. 9 - Casa de Luiza Soares (1898) - Alçado do cunhal entre o C. da Regeneração e a R. Á. Cabral (A); Planta do Primeiro Piso (B).	198
12. 10 - Casa de José de Sousa Feiteira (1898) - Axonometria da Frente (A); Axonometria da Traseira (B).....	198
12. 11 - Casa de Manoel Pinto da Fonseca(1898) - Planta parcial do Rés-do-chão (A); Alçado Norte (B).....	200
12. 12 - Casa de Augusto José de Mattos (1899) - Planta parcial do Rés-do-chão (A); Alçado Nascente (B).....	201
12. 13 - Casa de Manoel da Costa Macedo (1899) - Planta do Rés-do-chão (A); Alçado da Rua da alegria (B); Alçado lateral (C).	201

12. 14 - Casa de George Ph. Schroeder (1900) - Alçado e corte da vedação com mirante.	203
12. 15 - Casa de Joaquim Pinto da Fonseca (1898) - Planta da Cave (A); Alçado do Campo da Regeneração (B).	203
12. 16 - Casa de Francisco de Assumpção Macedo (1899) - Planta, Alçados e corte da vedação com mirante.	204
12. 17 - Casa de Domingos Moreira do Valle (1899) - Planta, Corte e Alçado da vedação com mirante.	204
12. 18 - Casa de Charles Tait (1899) - Axonometria da Frente.	205
12. 19 - Casa de João Lourenço da Fonseca Coutinho (1899) - Plantas do Rés-do-Chão (A); Primeiro Piso (B); Águas furtadas (C); Alçado Poente (D); Alçado Norte (E)	206
12. 20 - Casa de Manoel F. dos Santos Maia (1898) - Planta das Águas-furtadas (A); Alçado Sul (B); Corte Transversal (C).	207

AGRADECIMENTOS

O número de pessoas que contribuíram para a elaboração deste trabalho é extenso, mas apesar de muitas ficarem anónimas aqui, guardo comigo o apreço e a gratidão pelo que lhes devo. Naturalmente, essas contribuições foram distintas, desde as mais discretas opiniões até ao orientador deste trabalho, o Professor Alexandre Alves Costa, a quem devo a inspiração para o tema, a orientação nas diferentes fases do seu desenvolvimento, as conversas descontraídas sobre os burgueses do Porto e, finalmente mas com maior valor, a amizade.

Ao Professor Gaspar Martins Pereira devo igualmente o precioso acompanhamento metodológico e uma orientação precisa na busca das fontes e das referências que se revelaram de primordial importância para o conhecimento do Porto do século XIX.

À Dra. Teresa Siza fico também agradecido pelo seu auxílio na incorporação da fotografia como suporte para o entendimento do Porto pelo olhar dos seus fotógrafos.

Aos docentes e aos colegas do mestrado em Arquitectura, Território e Memória, realizado no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, fico grato pelos conhecimentos e pelos estímulos que contribuíram para tornar este trabalho melhor.

À Inês Stoffel fica também o meu agradecimento pela competência e dedicação com que me auxiliou na preparação de alguns desenhos.

Por fim, agradeço à Susana Constantino a revisão paciente e dedicada deste trabalho. Agradeço-lhe também ter tornado os momentos mais hesitantes, as alturas de insegurança e as ocasiões de aperto mais suportáveis.

RESUMO DO TRABALHO

Este trabalho procura retratar um momento no processo de transformação do espaço doméstico, a partir da forma como se estrutura nesse lugar a dialéctica entre privado e público. O instante escolhido, o final do século XIX, situa-se num período balizado por duas referências essenciais: num limite está Paris durante a Monarquia de Julho, quando a burguesia, segundo Walter Benjamin, transforma o espaço doméstico num *camarote no teatro do mundo*, construindo na sua casa uma realidade idealizada para si e para a sua família. No outro limite está o modernismo, apresentado por Beatriz Colomina como o momento em que se quebram as tradicionais fronteiras entre interior e exterior, entre privado e público.

O lugar escolhido para esta investigação, o Porto, é uma cidade burguesa de média dimensão na periferia da Europa mas contaminada por dinâmicas de relação que transportam para o seu espaço as características que vigoram nessa época.

O suporte utilizado foi a recolha de todos os processos de licenciamento que deram entrada na Câmara Municipal do Porto entre os anos de 1897 e 1900. Cruzando essa recolha com informação complementar, elaborou-se uma inventariação que permitiu caracterizar cada caso com dados de natureza diversa, relativos ao edifício, ao requerente, à sua família, ao autor do projecto e até ao construtor da obra.

O enquadramento e o tratamento da informação é antecedido por estudos de contextualização que permitem compreender o fenómeno de evolução do espaço doméstico burguês, o Porto e a sua burguesia no século XIX e também as transformações na habitação burguesa do Porto.

A partir da identificação de categorias representativas de casos com características semelhantes de relação com o lote e com o espaço público, desenvolve-se uma metodologia de investigação de diversos parâmetros associados à vivência quotidiana no âmbito do espaço doméstico. A abordagem incide com particular interesse na relação entre a maneira como são negociadas as fronteiras entre o privado e o público. Para o esclarecimento destes domínios são explorados âmbitos que cruzam a caracterização espacial dos edifícios, a sociologia da família e a sociologia do quotidiano.

Os resultados deste estudo permitem esclarecer que o espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX se encontra num domínio híbrido, onde se habita e se trabalha, onde coexistem a família e os criados, onde privado e público se contaminam.

ABSTRACT

This study's purpose is to make a portrait of a specific moment in the process of transformation of the domestic space, researching how the dialectic between the private and the public realm is happens in this place. The instant chosen, the end of the 19th century, is placed between by two essential references: on one edge, Paris during July's Monarchy, when, according to Walter Benjamin, the bourgeoisie has transformed the domestic space into a *box in the world's theatre*, building a reality idealized for themselves and their family. On the other edge, Modernism, presented by Beatriz Colomina as the moment when traditional borders between interior (private) and exterior (public) were broken.

The local chosen for this study, the city of Oporto, is a bourgeois town of average dimension in the periphery of the Europe. However it was contaminated by the dynamic relation established with other places, which carried to its territory the characteristics of that time.

The support for this study was the collection of all the building permits found in Oporto's City Council between 1897 and 1900. These case studies were enriched with complementary information and systematizations were elaborated in order to allow each case's characterization with data from several sources (e.g. information about the building, the petitioner and its family, the project's author or the contractor).

The information's framing and its management is preceded by studies that allow the understanding of different subjects such as the bourgeois domestic space evolution phenomena, the development of Oporto and its bourgeoisie in 19th century and also the transformations in Oporto's bourgeois housing.

The case studies were grouped according to their relation with the site and the public space and a research methodology was developed in order to investigate different aspects associated to everyday life's experience in the domestic space.

This study's main concern is how the boundaries between the private and the public spheres are negotiated. To perform this task different scopes are explored facing buildings' spatial characterization with Family's and Everyday Life's Sociology.

This study's concludes that Oporto bourgeoisie's domestic space at the end of the 19th century is on an hybrid domain, where people inhabits and work, where the family and the servants coexist, where private and public contaminate each other.

INTRODUÇÃO

Gaston Bachelard refere que “todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”¹. A possibilidade de o espaço doméstico assumir o papel de metonímia do mundo em que vivemos, consagra-o como um objecto de estudo privilegiado. Na visão deste filósofo e poeta, para se desenvolver uma abordagem profunda ao estudo da casa devem-se ter em conta todos os matizes que estão presentes na vida quotidiana, “é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialécticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num *canto do mundo*”².

A relação entre privado e público é uma dessas dialécticas que intervêm na construção do quotidiano doméstico, porventura uma das mais influentes.

O filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin escreveu na década de 30 do século XX um texto intitulado “Paris, capitale du XIX^e siècle” onde se refere ao reinado de Louis-Philippe³ como o período em que ocorre o processo de separação entre o homem e o cidadão, o privado e o público⁴. Como refere Martha d’Angelo, “no início do processo revolucionário, ainda no século XVIII, *privado* é sinónimo de conspiratório ou suspeito, a ele sobrepondo-se sempre o interesse *público*. A redefinição

¹ BACHELARD, Gaston – **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 25.

² BACHELARD, Gaston – **A Poética do Espaço**, p. 24.

³ Louis-Philippe (1773-1850) foi rei de França no período conhecido como a Monarquia de Julho (1830-1848).

⁴ O ensaio “Paris, capital du XIX^e siècle” apresentado em 1935 e revisto em 1939, integra uma compilação de textos que Walter Benjamin (1892-1940) preparava, mas que nunca chegou a concluir, denominado “Le livre des *Passages*”. Esta obra, apesar de incompleta, foi editada postumamente. Cf. BENJAMIN, Walter – **Das Passagen-Werk (le livre des *Passages*)**. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1982.

burguesa do espaço privado e dos direitos individuais resultou na despolitização da vida doméstica, no fechamento do indivíduo em si mesmo e na família”⁵.

De acordo com Benjamin é nesta altura que “pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se assume em contraponto ao seu local de trabalho. (...) O homem privado que se ocupa da realidade no seu local de trabalho, procura no interior a satisfação das suas ilusões. (...) [o interior] representa para o homem privado o universo. Ele reúne aí as regiões remotas e as lembranças do passado. O seu salão é um camarote no teatro do mundo”⁶.

O confronto entre o privado e o público no âmbito do espaço doméstico não ficou resolvido durante o século XIX, continuando, ao longo do século XX a exercer influência sobre a forma como são tratadas as questões relacionadas com a habitação.

Beatriz Colomina, no seu ensaio *Interior*⁷ destaca a ambiguidade das fronteiras entre o privado e o público na arquitectura doméstica de Adolf Loos⁸. A esse propósito refere-se aos *camarotes* que Loos cria dentro das casas que projecta, e que se assumem como um espaço “simultaneamente *sagrado* e um ponto de controlo. O conforto é produzido por duas condições aparentemente contraditórias, intimidade e controlo”⁹.

Confrontando com a ideia de Benjamin de que o espaço doméstico da burguesia oitocentista era um *camarote no teatro do mundo*, Colomina afirma que na obra de Loos “já não é a casa que é um camarote; existe um camarote dentro da própria casa, vigiando os espaços sociais do interior. Os habitantes das casas de Loos são simultaneamente actores e espectadores na cena familiar – envolvidos e, no entanto, destacados do seu próprio espaço. A distinção clássica entre dentro e fora, privado e público, objecto e sujeito, torna-se convulsa”¹⁰.

O espectáculo em que é transformada a vida quotidiana da família burguesa, remete para a criação de cenários complexos onde esses *actores* e *espectadores* desempenham os seus papéis. Nos cem anos que separam o início do reinado de Louis-Philippe e a casa Müller de Loos, assistimos, de acordo com Benjamin e Colomina, primeiro a um processo de vedação do lar ao público e depois à sua reentrada.

Estas datas extremas balizam o fenómeno, mas não esclarecem se o processo de transformação de uma realidade para a outra acontece de forma súbita, por fractura, ou se ocorre num tempo longo, em continuidade, acompanhando as próprias transformações na sociedade.

⁵ D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, Jan./Apr. 2006, vol.20, no.56, p.240.

⁶ BENJAMIN, Walter – *Das Passagen-Werk (le livre des Passages)*, p. 67.

⁷ COLOMINA, Beatriz – *Privacy and Publicity. Modern Architecture as Mass Media*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996, pp. 232-281.

⁸ Adolf Loos (1870-1933).

⁹ COLOMINA, Beatriz – *Privacy and Publicity*, p. 244.

¹⁰ COLOMINA, Beatriz – *Privacy and Publicity*, p. 244.

Este trabalho não pretende esclarecer esta questão, mas apenas contribuir para revelar um instantâneo na caracterização do espaço doméstico burguês, num tempo intermédio entre Louis-Philippe e Adolf Loos, o final do século XIX, tomando como suporte as relações entre o privado e o público.

O século XIX foi palco de transformações profundas que se materializaram nas cidades de forma indelével. Na sociedade, as mudanças foram igualmente importantes; os acontecimentos políticos que colocaram fim ao Antigo Regime e as consequências da industrialização que se estendia pelo mundo ocidental determinaram a emergência de um grupo social, a burguesia, que ao longo de oitocentos se impôs como grupo dominante.

A burguesia começa por emular os hábitos da aristocracia, mas ao longo do século vai ganhando uma consciência de classe que se revela, por exemplo, no aparecimento da família como referência moral. Com a idealização da família surge também uma crescente atenção à definição das fronteiras entre o lugar onde ela está protegida e aquele onde se expõe. Por outras palavras, começa a definir-se a fronteira entre o privado e o público.

O espaço doméstico – por definição, lugar da família – constitui-se como um lugar onde a ansiedade por encontrar limites para esses dois domínios se manifesta de forma intensa.

Para o desenvolvimento dessa tarefa, foram utilizados como suporte elementos relacionados com o domínio específico da disciplina da Arquitectura – os desenhos – para a partir daí se proceder a uma análise minuciosa de um caso de estudo – a cidade do Porto – que permita contribuir para esclarecer, através de exemplos concretos, se existe de facto, como refere Benjamin, esse *universo ilusório* no qual a burguesia oitocentista construía o seu mundo separado da realidade, ou se já se percebia a permeabilidade do espaço doméstico à entrada do público, como reparou Colomina nas casas de Loos.

O objecto de estudo deste trabalho foi seleccionado de forma a permitir a reunião, em termos qualitativos e quantitativos, no espaço e no tempo, dos elementos necessários à realização da tarefa proposta. O lugar que reúne estas características é um território bem definido, o Porto e o período cronológico são os últimos quatro anos do século XIX.

A escolha do Porto como suporte para este estudo deve-se à natureza da sua matriz económica e social que, fortemente dominada pela burguesia, se constitui como um exemplo muito claro da sociedade de finais do século XIX. Não sendo capital, perde a atractividade para a aristocracia, mas sendo a principal cidade de uma região densa e fortemente ligada à produção e ao comércio, ganha a preferência da burguesia. E será este grupo que, ao longo do século XIX, consolida um processo de ascensão social que lhe atribuirá, na viragem para o século XX, o protagonismo na sociedade ocidental. As suas habitações serão aquelas em que melhor se compreenderão os fenómenos que caracterizam a estrutura do espaço doméstico neste período. Os palácios da aristocracia são já

memória de um tempo em que a sociedade era outra, e a habitação proletária, embora reúna cada vez mais interesse no seio da sociedade deste tempo, ainda é um objecto *amorfo*.

O principal suporte foi encontrado no arquivo que conserva os processos de licenciamento que entram na Câmara Municipal do Porto – os *Livros de Plantas de Casas*. A recolha de todos os processos que aí deram entrada entre 1897 e 1900 permitiu identificar cerca de duas centenas de projectos de construção de habitações burguesas¹¹.

Esse conjunto foi sujeito a um tratamento que identificou características que permitiram criar seis categorias. A partir deste procedimento metodológico procedeu-se a um refinamento nos casos de estudo, reduzindo para cerca de três dezenas aqueles que mereceram uma análise mais profunda, salvaguardando uma representação equilibrada de cada categoria identificada. Deste modo foi possível complementar a informação recolhida no processo de licenciamento destes casos com dados relativos à profissão do requerente e à sua família, bem como produzir e recolher nova iconografia (desenhos e fotografias) capazes de contribuir para um maior esclarecimento dos assuntos abordados.

A estrutura deste trabalho desenvolve-se em duas partes e um anexo. Na primeira parte, encontram-se os capítulos que permitem entender a evolução e as transformações ocorridas nos protagonistas deste trabalho: o espaço doméstico, a burguesia portuense e a habitação burguesa do Porto. Nesta parte é ainda possível identificar diversos contributos oriundos de universos disciplinares tão distintos como o da literatura comparada ou da sociologia da família que ajudam a caracterizar e a compreender o assunto que se pretende esclarecer.

Na segunda parte, a partir dos casos de estudo que constituíram o suporte da investigação, desenvolvem-se os capítulos que resultam da observação dos diferentes aspectos que permitem caracterizar as relações entre privado e público no âmbito do espaço doméstico. No anexo apresentam-se as fichas de caracterização dos casos de estudo, onde se pode complementar a informação fornecida na segunda parte.

¹¹ A documentação que serviu de referência, foi recolhida dos “Livros de Plantas de Casas”, localizados no Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP), e a sua selecção foi efectuada a partir da reunião de todos os documentos referentes a processos de construção de novas habitações unifamiliares. Foram excluídos processos relativos a obras de ampliação, reabilitação ou alteração e a outro tipo de tipologias habitacionais, nomeadamente os de habitação plurifamiliar ou as *ilhas* e, por razões óbvias, foram igualmente excluídos da recolha todos os processos não relacionados com o programa habitacional.

Foram reunidos desta forma todos os processos referentes ao licenciamento de novas habitações unifamiliares requeridas, no concelho do Porto, com datas de aprovação do requerimento entre o dia 01 de Janeiro de 1897 e o dia 31 de Dezembro de 1900. A selecção destas datas, relaciona-se com a introdução de novos procedimentos de instrução dos processos de licenciamento, que passaram a obedecer ao Regulamento de 6 de Junho de 1895, que obriga, entre outras coisas, a apresentar todas as peças desenhadas (plantas, cortes, alçados e pormenores do sistema de drenagem das águas residuais), em vez da *planta* que até aí era apresentada, e que na realidade se tratava do alçado virado para a rua.

A partir do ano seguinte, 1896, começa-se a implementar o Regulamento, mas ainda de uma forma incipiente, porque ao alçado da rua eram apenas acrescentadas as plantas no contacto com a fachada, desprezando o desenvolvimento para o interior do lote. Só em 1897, de uma forma geral, todos os processos passam a ter tratamento idêntico. A outra data limite, 1900, surge como uma referência à transição do século, na charneira entre o que administrativamente deixa de ser séc. XIX e passa a ser séc. XX, estabelecendo-se a ponte entre um século e o outro.

A documentação dos casos começa então nos processos desenhados entregues à Câmara Municipal do Porto, sendo depois complementada com informação biográfica retirada dos Livros de recenseamento eleitoral, igualmente guardados no AHMP, que permite conhecer a idade, a profissão, a contribuição fiscal e a morada de cada eleitor. A imprensa da época e os Almanques constituem-se como fontes complementares de informação acerca dos indivíduos estudados.

A primeira parte inicia-se com o capítulo 1 – *At Home* com a Burguesia – onde se procura compreender a ideia de espaço doméstico burguês, recuando até ao século XVII, aos Países Baixos. A partir daqui, percorrem-se outros territórios como a Inglaterra e a França e avança-se até finais do século XIX, onde se evidenciam, nestes países, distintas formas de relação entre a habitação e a cidade. Abordam-se as transformações ocorridas na sociedade oitocentista, nomeadamente as mudanças na relação entre o público e o privado. Apresenta-se a família como um universo de referência para a burguesia oitocentista e sintetiza-se a sua evolução até ao final do século XIX. Como resultado dessa evolução procura-se esclarecer os papéis atribuídos aos géneros, utilizando como suporte privilegiado os *manuals de civilidade*, e a forma como homem e mulher se relacionam com os domínios do público e do privado. Finalmente, procura-se compreender a influência destes diferentes fenómenos na organização do espaço doméstico, nomeadamente as inovações oitocentistas da procura do conforto e da especialização dos espaços.

No capítulo 2 – A burguesia do Porto e a sua paisagem no século XIX – procura-se abordar os diferentes aspectos que caracterizaram a sociedade e o território portuense de oitocentos. As transformações no território são apoiadas na leitura e na análise da cartografia que registou a evolução do tecido urbano desde a vigência da administração almadina até à década final do século XIX, que estabiliza os limites administrativos do concelho. No que respeita à sociedade, apresenta-se neste capítulo um retrato da burguesia sob o ponto de vista das suas vocações profissionais, que pretende esclarecer a formação de uma ideia de classe entre os burgueses. Para reforçar a caracterização deste grupo social, abordam-se também os rituais de sociabilidade, observados como dispositivos de afirmação da burguesia no período visado por este estudo.

No capítulo 3 – A habitação burguesa no Porto oitocentista: origens e afinidades – pretende-se documentar a evolução da forma de habitar na cidade do Porto, desde a ocupação medieval, até à disseminação pela área que se estende até aos limites administrativos fixados no final do século XIX. A partir do registo dessa evolução caracterizam-se os dois modelos predominantes: a casa estreita e alta e a casa larga e baixa, procurando-se traçar o seu percurso e a fundamentação para as suas transformações. Procura-se também esclarecer as afinidades e as referências que podem ser encontradas nas casas do Porto, e que podem justificar algumas das transformações identificadas no seu desenvolvimento e na ocorrência de novas formas de habitar na cidade. Este capítulo conclui a primeira parte.

A segunda parte deste trabalho aborda os casos de estudo a partir de diversas perspectivas, de modo a satisfazer o objectivo deste trabalho: revelar um retrato que ilustre as relações entre o privado e o público no espaço doméstico da burguesia do final do século XIX.

A metodologia que permite satisfazer esse propósito é desenvolvida ao longo de nove capítulos.

No capítulo 4 – Formas de habitar da burguesia portuense do século XIX – apresenta-se uma proposta de identificação de categorias distintas para os casos recolhidos, agrupando as moradias

burguesas de acordo com as relações que estabelecem com o lote que ocupam e com o espaço público confinante. Este processo permite verificar a associação entre as diferentes categorias e os estratos sociais da burguesia e possibilita também relacioná-los com o espaço urbano que preferem, revelando formas distintas de confronto com a cidade, de acordo com o estatuto social do requerente.

No capítulo 5 – Transições entre o espaço público e a habitação – analisam-se as formas como se processa o acesso à casa. Tendo como referência as categorias apresentadas no capítulo anterior, neste aprofundam-se as características específicas de cada uma, atribuindo particular importância à forma como acontece a transição entre o espaço público e o espaço doméstico. Procura-se identificar os limites e as fronteiras que definem o caminho do público até à casa.

No capítulo 6 – Divisão e comunicação no espaço doméstico – abordam-se os dispositivos de relação e de organização do espaço doméstico. Desde o lugar de charneira que é o momento de chegada a casa, até à partição da compartimentação, passando pela circulação que articula os diferentes espaços. Caracterizam-se as categorias em todos estes aspectos distinguindo-se, em cada uma, as relações de gradação da permeabilidade ao público.

No capítulo 7 – O Público em casa: os espaços de recepção – analisam-se diversos casos que permitem verificar a forma como se relaciona com o espaço doméstico um lugar fundamental no seio da sociedade burguesa do século XIX: a sala de visitas. Dos grandes salões da alta burguesia, até aos espaços híbridos dos pequenos retalhistas, observam-se as distintas formas com que esta divisão aparece no âmbito do espaço doméstico, e de que maneira se assume como um espaço de representação que pretende, acima de tudo, relacionar-se mais como o domínio público do que com o privado.

No capítulo 8 – Os lugares íntimos da casa – propõe-se uma viagem até ao lugar mais íntimo do espaço doméstico, o quarto. Após as transformações operadas na ideia de família ao longo do século XIX, o quarto transformou-se e viu ser-lhe alterado o seu carácter. A análise proposta neste capítulo pretende esclarecer até que ponto estas divisões representam o derradeiro reduto do privado ou se, até aqui, o público pode irromper.

O capítulo 9 - O corpo em casa: entre a higiene e o pecado – revela a emergência de espaços dedicados à higiene e à beleza no âmbito do espaço doméstico. A análise destes espaços nas diferentes categorias permite esclarecer a valorização atribuída pelos diferentes estratos da burguesia às questões relacionadas com a higiene e com a beleza, e que lugar é que ocupam no âmbito do espaço doméstico.

No capítulo 10 – O trabalho no espaço doméstico – abordam-se espaços cuja natureza contrasta com o programa essencial da habitação burguesa. Os lugares para o trabalho transportam para o espaço doméstico o público. Esta circunstância atribui-lhes um papel delicado na sua integração no conjunto dos espaços e da sua análise resultam formas distintas de tratamento em cada uma das categorias propostas, desde espaços localizados em limites ambíguos entre o privado e o público, até aqueles em que a contaminação destes domínios se assume de forma inexorável.

No capítulo 11 – Entre criados e patrões: os lugares do serviço doméstico – encontra-se mais uma vez um domínio híbrido. A presença dos criados no seio da família burguesa e os espaços destinados ao serviço criam uma realidade paralela à que a burguesia exhibe para o público. Por um lado tratam-se de espaços cujo contacto com o público se pretende afastar, mas ao mesmo tempo constituem, eles próprios, lugares estranhos no âmbito do privado. O esclarecimento da maneira como se resolve esta negociação, é revelada neste capítulo a partir da análise da organização do alojamento dos criados, e dos espaços e circulação de serviço.

Finalmente, no capítulo 12 – Dispositivos de transição – analisam-se elementos que constituem por si só manifestos de *hibridização* dos domínios que rodeiam o espaço doméstico. Os muros e vedações, as *bow window*, as varandas, as estufas, os mirantes e os torreões representam dispositivos que não se conformam com a delimitação do espaço doméstico como domínio do privado e procuram a relação com o público, nem que tal se processe de forma velada.

Como reflexão final, apresentam-se as conclusões que resultam das distintas abordagens a que foram submetidos os casos de estudo, e que permitiram revelar um cenário em que se pode observar o espaço doméstico burguês num lugar intermédio entre a casa como um *camarote no teatro do mundo* como referia Walter Benjamin e a transposição para dentro da casa dos espaços que vigiam e controlam a própria habitação, que Beatriz Colomina identifica nas moradias projectadas por Adolf Loos.

Nos casos estudados, os limites entre o privado e o público no espaço doméstico são linhas desfocadas, que se encontram longe de produzir uma declaração peremptória de negação de um domínio ou do outro. Privado e público coexistem no espaço doméstico da burguesia de finais do século XIX numa negociação que, por vezes, se revela intensa, mas cujo resultado revela uma grande coincidência com as contradições de um grupo social, a burguesia, que por um lado se quer afirmar como dominante na esfera pública, mas que pelo outro lado anseia pela preservação de um lugar privado que afaste a família dos perigos que o público oferece.